

Da Praça à Praia: significações culturais da Praia da Estação¹

Amanda Ardisson Bento²;

Isabella Pontello Bahia³.

resumo:

O presente artigo pretende abordar possíveis significações culturais a partir da análise do movimento efêmero e sazonal da Praia da Estação, que ocorre na Praça da Estação, na cidade de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais. O simbolismo da análise se dá, inicialmente, a partir do próprio nome dedicado ao evento. Geograficamente acometido pela falta de praia, o mineiro traz a praia para este lugar inicialmente de trânsito e passagem a partir da proposta de construir um universo dotado de apropriação, história, bons encontros e sensações. Assim, lê-se que a proposição de transitar da Praça à Praia se deu por meio da compreensão do espaço geográfico Praça da Estação e de sua transformação em lugar simbólico e performático da Praia da Estação.

A construção teórica do artigo se dá a partir do entendimento de espaço público e democrático tal como estipulado pela legislação vigente, bem como, a partir dos conceitos apresentados por Harvey (2012) e Hertzberger (1999). Tem-se, ainda, a iniciativa de evidenciar a linguagem dos objetos tal como defendido por Dohmann (2013), Lobach (2001) e Santaella (2001) e, assim, possibilitar a leitura e a transposição dos conceitos socioespaciais de espaço e lugar, tal como apresentado por Souza (2013) e Cavalcante & Elali (2018). Tem-se, ainda, a narrativa histórico-cultural da Praça da Estação (Praça Rui Barbosa) e de sua transformação em Praia da Estação. A estruturação metodológica se deu a partir da revisão de literatura e pesquisa documental, etapas que fundamentaram a exposição dos conceitos e apresentação da narrativa histórica que ocasiona a Praia da Estação, bem como, a identificação e análise dos símbolos que permitem leituras a partir de Morris (1971). Para tal, foram realizadas análises de registros fotográficos existentes e de domínio público. O artigo apresenta como resultado, simbolismos e significados percebidos no evento e a partir dele para as pessoas e para a cidade de Belo Horizonte. A análise de suas manifestações culturais permite observar que é possível fazer da Praia da Estação um local de troca, de festividade, de experiência e de visibilidade, bem como se apropriar e subverter as práticas culturais dominantes e excludentes em espaço de dissolução das barreiras urbanas entre público e privado.

Com a construção deste imaginário popular acerca da Praia da Estação, entende-se que não é possível findar suas reflexões e leituras, visto as inúmeras possibilidades de significação deste signo histórico-cultural. Ao longo deste estudo, buscou-se vislumbrar algumas questões essenciais para elucidar a transformação do signo de espaço para lugar a partir do estabelecimento de parada em um espaço de trânsito. Lugar este que é simbólico e geográfico visto a nova demarcação que transcorre com corpos, cantos e cores, dotados de identidade. Neste cenário desafiador de distanciamento social causado pela pandemia do novo Coronavírus, nossa relação com os espaços públicos mudou e, na

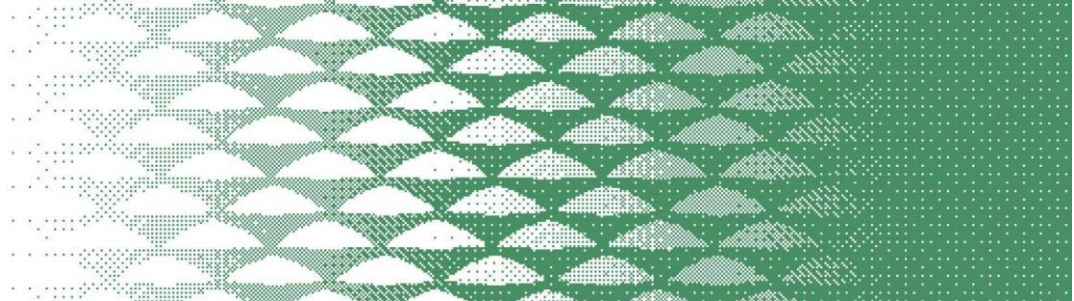
¹ Este artigo foi desenvolvido a partir do trabalho final realizado para a disciplina “A Linguagem dos Objetos”, ministrada pelo professor Dr. Sérgio Antônio Silva em 2020/2, que está vinculada ao Programa de Pós-graduação em Design (PPGD) da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

² <http://lattes.cnpq.br/9733936060499819>

³ <http://lattes.cnpq.br/5199518447909100>



**JOP'21
DESIGN**
II Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

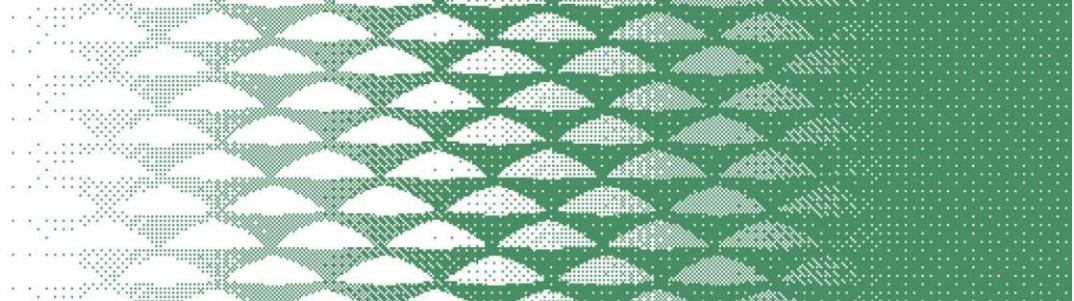


iminência de um longo período até que se possa usufruir do espaço público de forma democrática, festiva e aglomerada é necessário que se pense em novas maneiras de democratizar o uso e transformar estes locais de vivência comum.

palavras-chave:

Praça da Estação; espaço público; Praia da Estação; experiência urbana; práticas culturais.

Espaço reservado para organização do congresso.



1. Introdução

Com o intuito de entender as potências que os espaços públicos detêm enquanto locais de encontro de diversidade cultural nos centros urbanos contemporâneos é preciso, a princípio, entender que estes são de usufruto coletivo e sua utilização é um direito humano. Segundo Harvey (2012), o direito à cidade é um direito coletivo e não deve representar apenas uma parcela social. Para tal, o processo de urbanização deve ser projetado de forma a representar e acolher a todos os cidadãos. O direito à cidade, portanto, não é somente a liberdade de ir e vir, mas sim “o direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade” (HARVEY, 2012, p. 74). Em acréscimo, têm-se que somos iguais perante a Lei com direitos garantidos à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade segundo o Artigo 5º da Constituição Federal de 1988. Temos ainda direito à livre manifestação do pensamento, à expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independente de censura ou licença. Movimentos e intervenções em ruas e praças, por exemplo, além de estarem assegurados como manifestação cultural livre, funcionam como ferramenta de dissolução das barreiras urbanas observadas por Harvey (2012), desde o momento em que o espaço público utilizado apenas como corredor de passagem passa a ser ponto de encontro de outros grupos sociais que, devido à estaticidade da cidade, não se relacionavam.

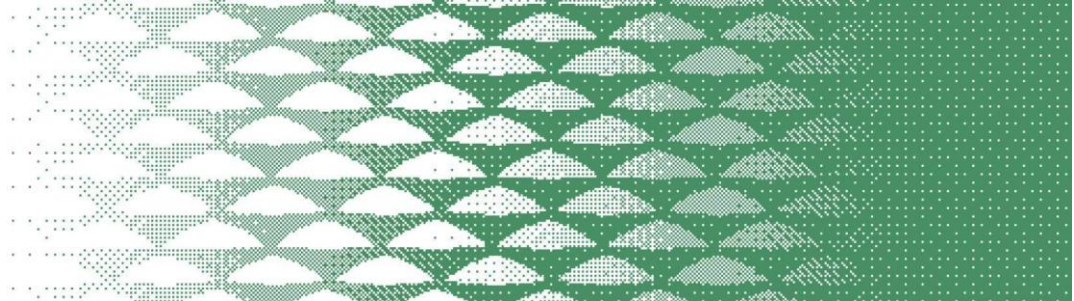
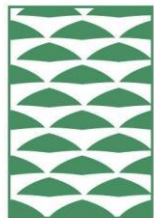
Para Hertzberger (1999), as cidades apresentam uma estrutura imutável e não convidativa, e a barreira entre público e privado é traçada com hostilidade, deixando claro o desenho de intimidação instaurado a fim de cercear o fluxo de pessoas e delimitar o espaço de acordo com as divisões socioeconômicas. Tal desenho opressor afeta as relações humanas que se travam conflituosamente. Esse cenário abre espaço para o olhar crítico do design que procura garantir o direito à cidade de forma que os grupos sociais que ocupam um mesmo espaço possam fazê-lo em harmonia.

Logo, as praças urbanas, enquanto locais de encontro e de trocas, dão espaço para as mais diversas representações culturais inseridas em um mesmo contexto urbano. Segundo Silva *et al.* (2008), o cotidiano, ou ritmo de vida, está diretamente relacionado com o uso dos espaços, produzindo um ritmo social. Portanto, ao qualificar os usos do espaço, entende-se melhor o comportamento social dos atores envolvidos na dinâmica urbana e o espaço configura-se como um objeto social, passível de expressar a cultura material e imaterial das sociedades ao longo do tempo (SILVA *et al.*, 2008).

Desse modo, o objetivo deste artigo é discutir, sob a ótica do design e da semiótica, os simbolismos produzidos pelos cidadãos mineiros acerca do evento da Praia da Estação, relacionando-o à cultura material e imaterial. O percurso metodológico se detém a uma revisão de literatura, que versa sobre a noção do uso dos espaços públicos, sobre o contexto da Praça da Estação e da Praia da Estação, seguida de uma análise semiótica, baseada nos princípios de Charles S. Peirce e Charles Morris, de três registros fotográficos existentes e de domínio público de edições do evento. Com base nestes conhecimentos, estabelecemos uma relação com a cultura material e imaterial que, constituídas de elementos visuais simbólicos, criam o imaginário da praia como signo da história e cultura mineira.

2. Praça da Estação: objeto material

A praça Rui Barbosa (conhecida como Praça da Estação) está localizada no centro da cidade de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, e foi inaugurada em 1904 funcionando como estação ferroviária para o transporte de materiais e equipamentos trazidos para a urbanização da nova capital mineira que estava em surgimento (MIGLIANO, 2016). Segundo o Governo do Estado de Minas Gerais (2021), apesar de múltiplas reformas urbanas e modernização da praça ao longo dos anos, seu espaço é composto, sobretudo, por uma ampla área livre de 12 mil metros quadrados em que se situam dois

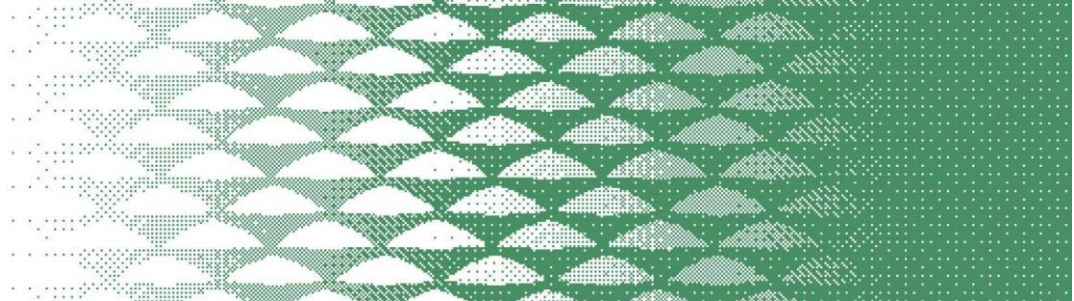


conjuntos de fontes aquáticas. Essa disposição espacial da praça é atrativa para a realização de manifestações culturais e políticas, exercidas pelos cidadãos mineiros desde os anos 1970. O prédio da Praça da Estação foi tombado em 1988 e, então, seu conjunto arquitetônico passou a fazer parte do patrimônio histórico-cultural mineiro (MIGLIANO, 2016).

A partir de 2004, conforme Migliano (2020) relata, a praça entrou novamente em reforma como parte do projeto de revitalização, gentrificação e espetacularização da cidade, realizando o deslocamento da estação de trens para abrigar o Museu de Artes e Ofícios e o acervo da Fundação Cultural Flávio Gutierrez como forma de preservar a memória laboral e as relações sociais brasileiras. Contudo, a realidade da praça após a reforma foi da instauração de um decreto (Nº 13.798 de 9 de dezembro de 2009) que proibiu a produção de eventos de qualquer natureza em seu espaço (BELO HORIZONTE, 2009). Como resposta, nasceu o movimento da Praia da Estação que eclodiu no verão de 2010 na capital mineira.

Para compreender as relações do design com o fenômeno da Praça à Praia é necessário caracterizar esta atividade como aquela que age, produz e interpreta as interfaces entre o ser humano e os objetos. Ações estas que se dão a partir do delicado e complexo processo de gestão das funções práticas, estéticas e simbólicas, cunhadas para Lobach (2001), como presentes em toda ação de design. Dessa forma, ao analisar as mudanças e permanências existentes da Praça à Praia a partir do design têm-se um “ambiente objetual” que permeia as relações humanas e abraça os dois extremos aqui apresentados: o objeto material e a criação de uma função simbólica que permite a identificação de um objeto imaterial (LOBACH, 2001). Nesse contexto, Dohmann (2013) discorre acerca da experiência material e imaterial da sociedade pós-moderna em relação à cultura do objeto e ao uso de espaços urbanos, sendo este “um conjunto de objetos e suas inter-relações que, em suas constantes transformações, materializam novas funções na tessitura social” (DOHMANN, 2013, p. 39). Segundo o autor, não existe nenhuma atividade humana que não esteja permeada pela materialidade dos objetos que o próprio ser humano não tenha fabricado. O objeto, assim, manifesta na sua materialidade a finalidade a que foi produzido. Para Santaella (2004) isso se dá pelo fato do ser humano constituir-se um ser simbólico, portanto, a relação com o material constitui simultaneamente experiências individuais e culturais, bem como, um terreno de confrontos políticos e um sistema de intervenção cultural. Nesse sentido, os locais de encontro que se situam no meio de uma cidade exteriorizam na sua materialidade física a necessidade humana de se manifestar, se expressar, se encontrar e se relacionar. Portanto, pode-se dizer que o indivíduo é aquele que faz uso de símbolos e objetos oferecidos pela sociedade para representá-lo em sua individualidade através da atribuição de valor (KUREBAYASHI, 2013; SANTAELLA, 2004).

É neste local de representação cultural que as vivências humanas ganham sentido, tecendo uma teia subjetiva de sentidos e afirmações sobre suas identidades. O objeto material (praça pública) além do desempenho de sua dimensão funcional e prática, traduz as relações sociais entre indivíduos de uma determinada cultura, se tornando subjetivo e imaterial a quem lhe atribui tais padrões culturais. A utilização desses espaços na forma de movimento, expressão, dança, música, arte e cultura, como é realizado no evento da Praia da Estação, representa toda a carga estética e de significados presentes da dimensão social que são reflexos das nossas próprias identidades. Neste cenário de massificação e complexidade de signos do século XXI, o designer pode agir como mediador e projetista de vivências e, portanto, abre espaços para explorar as potencialidades locais, valorizar as identidades culturais e provocar um novo sentido aos objetos, pessoas e localidades que nos cercam. A análise de um objeto, que é também espaço de vivências, permite não somente a imersão na realidade cultural e material, mas, a elucidação de um processo (também vivo) de produção de sentido.



3. Praia da Estação: objeto imaterial

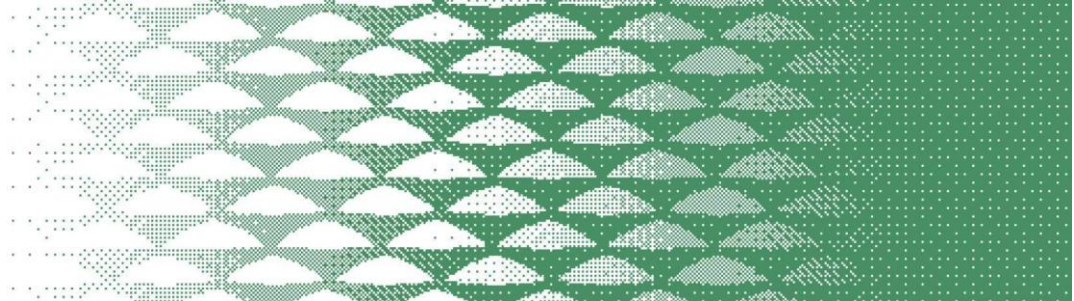
Em 16 de janeiro de 2010, como reação às restrições legalmente impostas à realização de eventos de qualquer natureza na Praça da Estação pela prefeitura municipal, ocorreu a primeira Praia da Estação na capital mineira. Articulada majoritariamente pela internet, a Praia da Estação propôs uma nova forma de manifestação política a partir de uma intervenção urbana, horizontal, rizomática e festiva que transformou a praça em uma espécie de praia (IMAGINA NA COPA, 2013) de modo a performar “uma forma de igualdade frente à intensa desigualdade da realidade ao se reunirem sob bases igualitárias e horizontais” (VIANA, 2021, não paginado). O uso atípico do espaço causou, em um primeiro momento, estranhamento, principalmente pela ocorrência em uma cidade com pouca tradição, até então, em eventos nas ruas (MARACAHIBE, 2019; MIGLIANO, 2020). Desse modo, a Praia ocupou a praça por vários verões de 2010 a 2020 e tornou-se lugar de luta, lazer e, principalmente, a centelha para a produção de novas relações socioespaciais na cidade de Belo Horizonte. Para Maracahipe (2019), a capital dos bares deu início, a partir da Praia da Estação, ao desenho de uma nova boêmia: urbana, coletiva e politizada.

Após tornar-se conhecida a partir dos desdobramentos ocasionados pela Praia, a determinação legal foi revogada cinco meses depois por meio da criação do Decreto nº 13.960 (BELO HORIZONTE, 2009) permitindo, então, a realização de eventos de natureza diversa na Praça da Estação. Contudo, o ato proibitivo, mesmo temporário, já havia contribuído para a construção de movimentos que reivindicam o direito de apropriação dos espaços públicos da cidade, que ganharam força e adeptos nos últimos onze anos.

Assim, a cena urbana e ativista de Belo Horizonte, fomentada pela Praia, teve outros desdobramentos intimamente relacionados com a sua ocorrência. Nos anos de 2009 a 2010, como consequência das redes de contato tecidas na Praia (VIANA, 2021), houve a primeira expansão do carnaval de rua com a criação de blocos que atualmente são considerados tradicionais no carnaval mineiro. Portanto, pode-se dizer que os blocos se originaram de um mesmo movimento não institucionalizado de grupos da sociedade civil belo-horizontina, formados, principalmente, por jovens escolarizados que se beneficiam sobremaneira dos recursos da internet e das redes sociais para realizar sua articulação (CANUTO, 2016; MIGLIANO, 2020).

A Praia da Estação impactou, não somente a retomada do carnaval de rua, como também, e principalmente, a reivindicação pelo direito de apropriação dos espaços públicos da capital. É possível citar que “novas ocupações urbanas, movimentos pelo direito à cidade, Assembleia Popular Horizontal e Tarifa Zero nos transportes públicos são exemplos das lutas que irradiaram da Praia” (VIANA, 2021, não paginado). Tais ações de apropriação surgiram em resposta a várias medidas de ordenamento e higienização adotadas pela prefeitura de Belo Horizonte (MIGLIANO, 2020).

Para Migliano (2012), a modificação da Praça em Praia toca nas dimensões geográfica e simbólica. O movimento, sem líderes, autogestionado e apartidário, ocorre em um espaço público por meio de uma iniciativa lúdico-política que, de maneira geográfica, transforma o espaço (praça) em lugar (praia) a partir do estabelecimento de parada em um espaço de trânsito. Em complemento, Souza (2013) afirma que a forma de perceber e vivenciar o ambiente está estritamente ligada à forma como nos sentimos em relação ao mesmo. Tem-se, pois, não-lugares sempre que o homem não se apropria do ambiente, lidando com este apenas como espaço (SOUZA, 2013; CAVALCANTI; ELALI, 2018). A partir disso tem-se, então, a transformação simbólica. A Praia da Estação, portanto, é um objeto imaterial, um signo cultural e historicamente construído que transforma o território em experiência urbana. A interação com este espaço não se dá a partir de uma simples ocupação corporal, mas por meio da apropriação ativa do espaço físico que passa a ter o caráter semiótico de lugar.



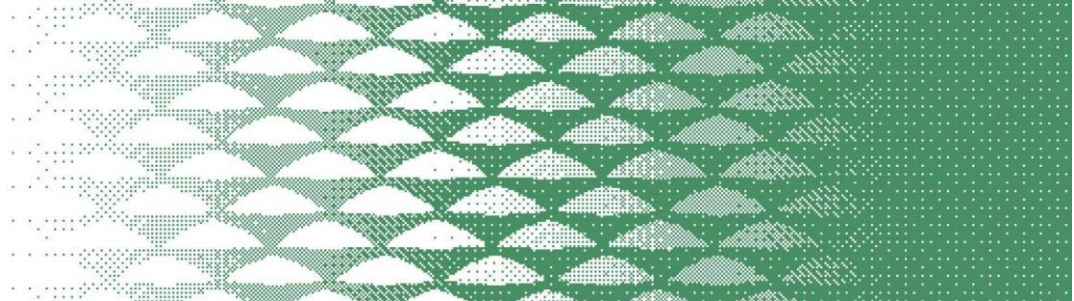
4. Imaginário simbólico da Praia da Estação

Selecionamos três fotografias de edições diversas e de domínio público para refletirmos acerca do imaginário belo-horizontino da Praia da Estação e, a partir destes, desenvolveu-se uma análise semiótica fundamentada na teoria de Charles Morris (1971) que, por sua vez, é baseada em princípios da semiótica peirceana. Morris foi um semioticista que ficou reconhecido na área do design pela sua divisão triádica do signo nas dimensões sintática, semântica e pragmática, adaptado em uma perspectiva behaviorista da teoria de Peirce. O signo para Morris é constituído de veículo, *designatum* e interpretante, onde veículo corresponde ao representamen e *designatum*, ao objeto, mantendo-se a mesma terminologia para interpretante. O processo de significação se caracteriza a partir do veículo (representamen) que remete um *designatum* para alguém, e este alguém produz um efeito (interpretante) acerca desta relação. Nesse sentido, o veículo do signo é atribuído à dimensão sintática, tratando da relação dos signos entre si, das suas características qualitativas e de como ele se constitui. Já a dimensão semântica refere-se à relação do veículo do signo com o seu *designatum*, ou seja, trata dos possíveis significados semânticos que o veículo tem potencial de se referir ao *designatum*. E por último, a dimensão pragmática refere-se ao interpretante produzido na relação de representação entre o veículo e o *designatum*, estabelecendo, portanto, o processo de significação para o intérprete. Na dimensão pragmática, a significação é estabelecida pelo contexto e experiência colateral do intérprete, podendo ser amplamente diversa ao alterar estes fatores. Ela procura entender os efeitos que os signos produzem no mundo a partir de dados e hábitos regulares, que podem se apresentar na forma de aspectos simbólicos e culturais. Desta forma, buscamos compreender, nos registros selecionados, quais são os possíveis significados presentes no imaginário dos cidadãos mineiros (dimensão pragmática) por meio de uma relação entre a configuração das manifestações políticas, artísticas e culturais exemplificadas nas imagens (dimensão sintática) e o que ela comunica (dimensão semântica). A seleção das imagens se deu a partir da necessidade de representar o evento em sua totalidade, portanto, tratam-se de registros os quais evidenciam os principais aspectos das manifestações culturais que ali se desenvolvem e constroem a narrativa da experiência que é vivenciar a Praia da Estação.

Para analisar a primeira imagem (Figura 1) em sua dimensão sintática, nota-se que a cena mostra, em primeiro plano, um momento do evento em que uma multidão de pessoas vibram e festejam um banho de mangueira fornecido por um caminhão pipa. Essa mangueira é segurada por uma figura fantasiada de Chapolin Colorado (personagem de série de TV) e, ao fundo, observa-se uma avenida da cidade com automóveis circulando, pessoas curiosas atentas à cena e uma pessoa gravando o momento. Também há a presença de pessoas mais ao fundo caminhando próximas de um edifício.



Figura 1: “Banho de mar” característico do imaginário da Praia da Estação. Fonte: Portal O Tempo, 2020.



A partir da descrição, é possível estabelecer algumas relações semânticas. A primeira, diz respeito ao financiamento coletivo do caminhão pipa. Tal fato só se tornou possível a partir da realização de uma “vaquinha” que os manifestantes doaram para o aluguel do serviço. A figura do Chapolin pode representar uma sátira à imagem de um super-herói capaz de ajudar o seu povo. Para DaMatta (1997), a fantasia e a sátira são caminhos populares para a expressão e manifestação; “é o campo da jocosidade e do grotesco, onde a busca é para os aspectos que estão além dos sistemas que cada um desses papéis sociais representa no mundo normal” (DAMATTA, 1997, p. 82). Pode-se empreender, portanto, que as pessoas ao fundo da imagem representam a dinâmica da cidade, em que algumas são indiferentes ao mesmo tempo em que outras param suas atividades para olhar o momento.

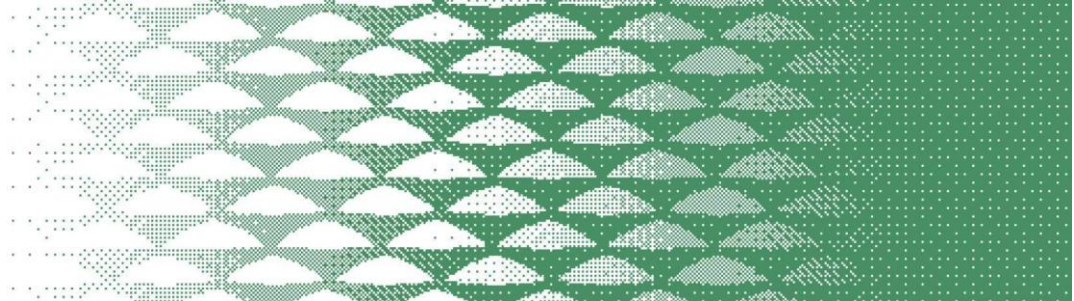
A partir desta relação é possível tecer algumas interpretações que percorrem a dimensão pragmática do registro. O financiamento coletivo do caminhão pipa simboliza uma atitude autogestionada em prol do coletivo. A própria presença do caminhão pipa subverte a lógica natural, e democrática, de uso das fontes públicas da praça. Fontes estas que não foram acionadas por solicitação das autoridades responsáveis. Há na imagem, portanto, uma carga simbólica política na qual a organização popular possibilita o uso agradável do espaço público e o fortalecimento e a criação de laços de afeto entre os banhistas. Em outras edições da Praia, mesmo com as fontes ligadas, o caminhão pipa e o Chapolin se fizeram presentes. O banho de mangueira e os cantos “ei, Chapolin, joga água em mim” e “ei, polícia, a praia é uma delícia” fazem parte do imaginário da Praia da Estação e consolidam críticas às respostas autoritárias da segurança pública municipal.

O segundo registro analisado (Figura 2) reúne um grupo de pessoas circulando em que as figuras que estão mais ao centro da imagem erguem estandartes carnavalescos que são os principais elementos da fotografia. Os artefatos são constituídos de elementos verbais e visuais ricos em cores, adornos, formas e materiais, como tecido, miçangas e pintura e possuem, normalmente, acabamentos com fitas decorativas em sua extremidade inferior. Em segundo plano, tem-se a presença da parte posterior do Monumento à Terra Mineira, construído no largo em frente ao prédio do Museu de Artes e Ofícios e também mostra parte da estrutura do prédio da praça.



Figura 2: Estandartes de carnaval de rua de Belo Horizonte na Praia da Estação. Fonte: Portal O Tempo, 2020.

Com os elementos visuais descritos acima, podemos relacionar semanticamente as pessoas que seguram os estandartes, as quais podem representar as lideranças dos blocos carnavalescos identificados pelos artefatos, com a ligação entre a Praia da Estação e o carnaval de rua de Belo Horizonte. Os estandartes representam a ligação de ambas expressões urbanas e políticas, tanto a Praia da Estação como movimento reacionário, quanto o carnaval como manifestação popular espontânea e democrática de ocupação e apropriação dos espaços públicos. Em relação a sua composição gráfica, entendemos que



os estandartes representam uma linguagem iconográfica própria do carnaval de rua, a qual é expressa pela diversidade de materiais, cores e formas utilizadas em sua confecção.

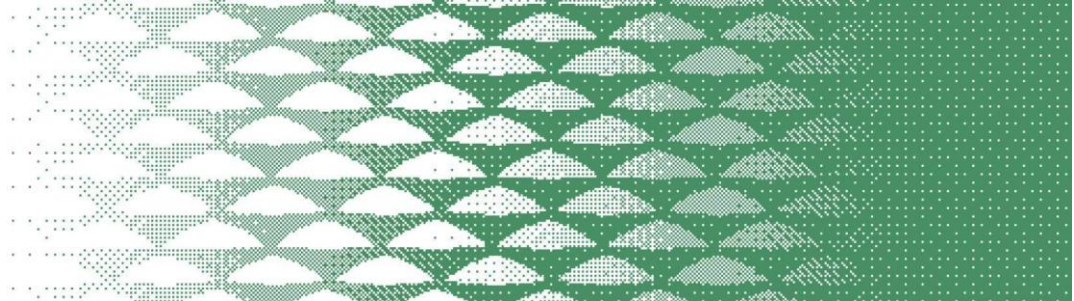
Em vista da relação estabelecida entre os estandartes e o carnaval de rua, podemos compreender que os artefatos, na dimensão pragmática, são ricas manifestações gráficas da cultura popular brasileira, as quais tem o intuito de identificar e sinalizar os cortejos e desfiles públicos, originados nas procissões quaresmais advindas da Europa (ALBUQUERQUE & HENNES, 2017) e hoje estão presentes no carnaval de rua de inúmeras cidades no Brasil. Os artefatos traduzem na sua materialidade toda a diversidade de simbolismos presentes no imaginário brasileiro em relação às manifestações carnavalescas. Nesse sentido, a Praia da Estação se conecta com o renascimento do carnaval de rua de Belo Horizonte e, por isto, no feriado muitos blocos têm como destino final a Praça da Estação (MIGLIANO, 2020). O bloco Então Brilha!, um dos primeiros e tradicionais, além de findar seu desfile na praça, desdobra-se no Bloco da Praia, no sábado de carnaval (AMÉLIO, 2015). Outra manifestação que se transforma na Praia é o cortejo Vira o Santo, desfile de vários blocos de rua em várias partes da cidade no fim de semana após o carnaval com destino à Praça da Estação. Dessa forma, a Praia, mais uma vez, torna-se um lugar seguro de encontro e criação de afetos, além de abraçar a diversidade de bandeiras levantadas pelos mais diversos blocos (CANUTO, 2016).

Para completarmos este breve percurso de análise, a última imagem (Figura 3), em sua dimensão sintática, registra uma cena de música e dança com a presença, em primeiro plano, de músicos tocando tambores e entoando melodias com uma multidão de pessoas ao fundo circulando, dançando e cantando. Nota-se a presença de um estandarte de bloco de carnaval e que as pessoas estão vestidas de roupas frescas e/ou de banho. Ao fundo é mostrado parte do prédio do Museu de Artes e Ofícios, parte de um prédio residencial, o céu, uma árvore e o chão de concreto que as pessoas pisam.



Figura 3: Música, canto e dança na Praia da Estação. Fonte: Portal O Tempo, 2020.

As relações semânticas estabelecidas, principalmente em relação às figuras de primeiro plano com o fundo da imagem, podem significar que a praça de cimento passa a ser um espaço vivo e de experiência ao ser ocupado pelas pessoas que ali cantam, dançam e banham-se de maneira performática, deixando de ser apenas um local de trânsito. Os elementos ao fundo da imagem nos mostram que as



manifestações acontecem no cerne de Belo Horizonte, subvertendo a lógica do espaço urbano de trânsito e ágeis movimentos em local de parada, lazer e dança repleto de significados.

A cena retratada na imagem é, na dimensão pragmática, característica de rituais e festas, como o carnaval, que para DaMatta (1997, p. 82) evidenciam “aspectos que as rotinas do mundo cotidiano tendem a inibir como fatores estruturais e organizatórios”, propondo assim, a inversão. Festividades estas que caracterizam a dissolução das barreiras hierárquicas e autoritárias de forma a permitir certa normalidade da diversidade. O sincretismo tropical do carnaval de rua “cria as condições para a comutação entre domínios e elementos situados em posições descontínuas” (DAMATTA, 1997, p. 83).

Por meio desta breve construção do imaginário popular acerca da Praia da Estação, podemos inferir que cada manifestação cultural presente no evento é de extrema importância para solidificação do movimento enquanto intervenção urbana que visa reivindicar o uso de espaços públicos de forma democrática, apartidária e diversificada. A análise dos registros fotográficos selecionados acima revela que é possível fazer da Praia da Estação um local de troca, de experiência e de festividade, mas também de visibilidade, de apropriação e de subversão das práticas culturais dominantes e excludentes em espaço de dissolução das barreiras urbanas entre público e privado.

5. Considerações finais

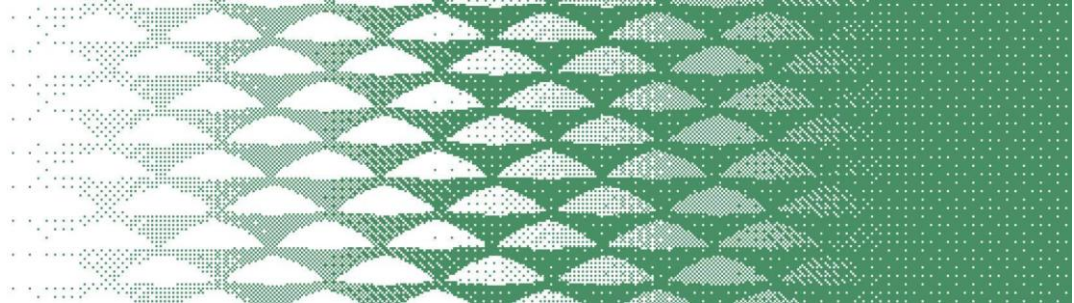
A partir da proposta de artigo entende-se que não é possível findar as reflexões acerca da Praia da Estação e suas leituras. Entretanto, vislumbram-se algumas questões essenciais para elucidar o trânsito da Praça da Estação para a Praia da Estação. Há, neste processo, o deslizamento do signo de modo a ter um significado construído. A Praia é uma alegoria, assim como o super-herói, o banho de mar e as demais construções performáticas que ali se dão. Construções estas que se estruturam a partir da sátira e da festa, que objetiva, e cumpre seu objetivo, de proporcionar a apropriação do espaço público pelas pessoas. Têm-se, pois, a partir da interpretação do design e da significação, um novo sentido. Neste processo de apropriação e ressignificação nota-se ainda a transformação do espaço (Praça da Estação) em lugar (Praia da Estação). Lugar este que é simbólico e geográfico visto a nova demarcação que transcorre com corpos, cantos e cores, dotados de identidade.

O crescimento do movimento com o passar dos anos sinaliza: seja um reflexo da modernidade líquida de Bauman (2009), ou os próprios desafios com os quais nos deparamos hoje a partir de uma situação de pandemia e distanciamento social, nossa relação com os espaços públicos mudou e tende a mudar. Assim, na iminência de um longo período até que se possa usufruir do espaço público de maneira periódica, festiva, aglomerada e democrática é necessário que se pense em novos carnavais. E, sobretudo, em um novo democratizar de uso e transformação desses locais de vivência comum.

From Square to Beach: *Praia da Estação* and its cultural meanings

abstract:

This article intends to address possible cultural meanings based on the analysis of the ephemeral and seasonal movement of *Praia da Estação*, which takes place in Station's square in Belo Horizonte's city, Minas Gerais' capital. The analysis symbolism occurs initially as evidenced in the following article from



the event's dedicated name. Geographically affected by lack of beach, the people born in Minas Gerais bring the beach to this place, initially used for traffic and passage to build a universe endowed with appropriation, history, good encounters and sensations. So, the proposition to move from *square* to *beach* took place through the geographical understanding of the Station's square's *space* and its transformation into a symbolic and performative *Praia da Estação's place*.

The paper's theoretical construction occurs from the understanding of public and democratic space as stipulated by the current legislation, as well as from the concepts presented by Harvey (2012) and Hertzberger (1999). There is also the initiative to highlight the language of objects as defended by Dohmann (2013), Lobach (2001) and Santaella (2001) and, therefore, enable the reading and socio-spatial transposition of the *space* and *place's* concepts as presented by Souza (2013) and Cavalcante & Elali (2018). There is also the historical-cultural narrative of Station's square and its transformation into *Praia da Estação*. The methods structuring took place from the literature review and documentary research, stages that justified the concepts exposure and historical narrative presentation that creates *Praia da Estação's* event, as well as the identification and analysis of the symbols by Morris (1971) that allow such readings. To this end, this paper analyzes some existing and public domain photographic records. It presents as a result the event's symbolisms and meanings perceived in the event and from the Belo Horizonte's people. These cultural manifestations analysis allows us to observe that it is possible to make *Praia da Estação* a place of exchange, festivity, experience and visibility, as well as appropriating and subverting dominant and excluding cultural practices into a space of dissolution between public and private urban barriers.

With the popular imagination's construction about *Praia da Estação's* event, we understand that it is not possible to finish its reflections and readings, given the countless meaning's possibilities of this historical-cultural sign. Throughout this study, we sought to glimpse some essential questions to elucidate the sign transformation from *space* to *place* from the stop establishment in a traffic space. This place is symbolic and geographical given the new demarcation that takes place with bodies, corners and colors, endowed with identity. In this challenging scenario of social distant caused by the new Coronavirus pandemic, our relationship with public spaces has changed and in the imminence of a long period before we can enjoy public space in a democratic, festive and crowded way, it's necessary to think about new ways to democratic use and transform these places of common experience.

Keywords:

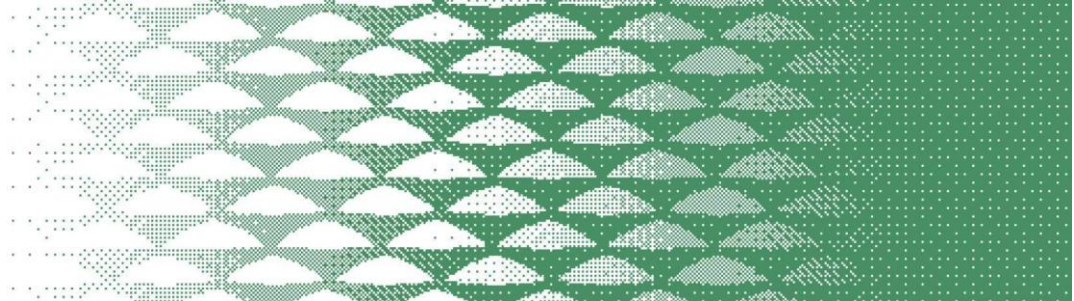
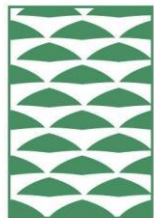
Station's square; public place; Station's beach; urban experience; cultural habits

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, F. D.; HENNES, M. Estandartes carnavalescos alagoanos: uma análise dos seus elementos gráficos, p. 1496-1502. In: ROSA, G. S.; PORTUGAL, C. (Orgs.). **Anais do 8º Congresso Internacional em Design da Informação (CIDI) e 8º Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design da Informação (CONGIC)** - Sociedade Brasileira de Design da Informação (SBDI). São Paulo: Blucher, 2018.

AMÉLIO, R. P. Carnaval de rua de Belo Horizonte 2015: uma experiência etnográfica, p. 234-242. **Revista Observatório da Diversidade Cultural**, v. 2, n. 1, 2015.

BELO HORIZONTE. **Decreto-Lei** nº13.789, de 9 de dezembro de 2009. Proíbe realização de eventos de qualquer natureza na Praça da Estação, nesta capital. Belo Horizonte, 2009.



CANUTO, F. Da carnavalização do planejamento urbano para Belo Horizonte-para-a-guerra: da política ao político e vice-versa. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 18. Recife, 2016.

CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. **Psicologia Ambiental**: Conceitos para a leitura da relação Pessoa-Ambiente. Petrópolis: Vozes, 2018.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DOHMANN, M (Org.). **A Experiência Material**: A Cultura do Objeto. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

HARVEY, D. O direito à cidade, p. 73-89. **Lutas Sociais**: Revista do Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais (NEILS), n. 29. São Paulo, 2012.

HERTZBERGER, H. **Lições de arquitetura**. 2a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

IMAGINA NA COPA. **História #7 - "Praia da Estação"**. São Paulo: 2013. 1 vídeo (06:32 min), son., color. Imagens e Roteiro: Tiago Pereira. Edição: Apiário. Entrevista: Fernanda Cabral. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=53540iTR07E/>>. Acesso em: 18 jan. 2021.

KUREBAYASHI, T. Os objetos pessoais e a dimensão pragmática: uma análise linguística dos símbolos pessoais e da formação da identidade própria. **Revista semeiosis. Transdisciplinary Journal of Semiotics**, 2013.

LÖBACH, B. **Design industrial**: bases para a configuração de produtos industriais. São Paulo: E. Blucher, 2001.

MARACAHIBE, A. *et al.* Carnaval em Belo Horizonte: sobre os 05 e os outros 360 dias. **Nunca reverenciar**: reflexões marginais sobre desobediência civil. Belo Horizonte: Initia Via, 2019.

MIGLIANO, M. Praia da Estação como ação política: relato de experiências, envolvimento e encontros. **Redobra**. Laboratório Urbano - PPG-AU/FAUFBA. Salvador, 2012.

_____. Entre gafanhotos e vaga-lumes: a potência narrativa na criação de outros imaginários políticos na Praia da Estação, p. 240-254. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 18, n. 2. Recife, 2016.

_____. **Entre a praça e a internet**: outros imaginários políticos possíveis na Praia da Estação. Cruz das Almas, BA: EDUFRB, 2020.

MORRIS, C. **Writings on the general theory of signs**. Paris: The Hague, 1971.

PRAÇA DA ESTAÇÃO. **Governo do Estado de Minas Gerais**. Disponível em: <<https://www.mg.gov.br/conteudo/conheca-minas/turismo/praca-da-estacao>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

SANTAELLA, L. **Corpo e comunicação**: sintoma da cultura. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, R. H. A.; FONSECA, J. O. R. F.; MARRA, P. S.; GONZAGA, M. M. Dispositivos de memória e narrativas do espaço urbano: cartografias flutuantes no tempo e espaço. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação** - E-compós, v. 11, n. 1. Brasília, 2008.

SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

VIANA, Igor. **Praia da Estação**: o poder performativo dos corpos através de um direito menor. *In*: Vidamorte: biopolíticas em perspectiva. Org. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2021.